

120

ARTIGO

ÁREAS DE
ATIVIDADE EM
DOIS CENTROS
CERIMONIAIS JÊ
DO SUL: RELAÇÕES
ENTRE ARQUITETURA
E FUNÇÃO

Jonas Gregorio de Souza¹

1- Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Núcleo de Pesquisa Arqueológica - NuPArq - Departamento de História - IFCH. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Avenida Bento Gonçalves, 9500. Porto Alegre - RS. jonas.gregorio@yahoo.com.br.

RESUMO

Neste artigo, apresento a análise das estruturas e conjuntos artefatuais de dois sítios de aterros anelares com montículos Jê do Sul. Ambos apresentam anexos quadrangulares em sua arquitetura e grande quantidade de material lítico, diferenciando-se de outros sítios da mesma categoria. Sugiro que a complexidade arquitetônica e as áreas de atividade evidenciadas nos sítios em questão apontam para uma maior elaboração do rito funerário associada a uma complexificação arquitetônica com datas tardias. Essas distinções podem estar ligadas à emergência de cacicados complexos, como se relata para os Kaingang no século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Jê do Sul, Taquara/Itararé, aterros anelares, emergência da complexidade

ABSTRACT

In this article I present the analysis of the features and artifact assemblages of two Southern Jê mound and enclosure sites. Both exhibit rectangular annexes in their architecture, as well as a large quantity of lithics, which differentiates them from other sites of the same category. I suggest that the architectural complexity and activity areas evidenced in the sites point to a greater elaboration in mortuary ritual associated with greater architectural complexity in late periods. These distinctions may be related to the emergence of complex chiefdoms, as was reported for the Kaingang in the 19th century.

KEY-WORDS: Southern Jê, Taquara/Itararé, enclosures, emergent complexity

INTRODUÇÃO

A arquitetura cerimonial da Tradição Taquara/Itararé, associada aos povos Jê do Sul em período pré-contato, tem despertado especial atenção desde as primeiras pesquisas arqueológicas no planalto meridional brasileiro e adjacências (Menghin, 1957). Montículos funerários podem ser encontrados em todo o sul, e sua construção perdurou entre os Kaingang e Xokleng até o período histórico (Mabilde, 1897; Vasconcellos, 1912; Maniser, 1930; Métraux, 1946).

Em período pré-colonial, a arquitetura cerimonial Jê do Sul inclui sítios denominados aterros anelares (também conhecidos como “áreas entaipadas” ou “danceiros”), muros de terra de contorno circular ou, mais raramente, quadrangular, com ou sem montículos em seu centro (Beber, 2004:233-236). Essas estruturas se concentram no planalto catarinense e sul-rio-grandense, em particular nas bacias dos rios Pelotas e Canoas (Rohr, 1971; Reis, 1980; Ribeiro & Ribeiro, 1985; Copé et al., 2002; Saldanha 2005, 2008; DeMasi, 2005, 2009; Müller, 2008; DeSouza & Copé, 2010; Schmitz et al., 2010; Corteletti, 2010; Iriarte et al., 2013), embora também possam ser encontradas na província argentina de Misiones (Menghin, 1957; Iriarte et al. 2008, 2010), no Paraná (Chmyz, 1968) e em São Paulo (Chmyz et al., 1968).

Uma problemática recente no estudo de tais sítios é a relação entre arquitetura (dimensões dos aterros, suas formas, presença ou ausência de montículos, entre outros critérios) e função. DeMasi (2009:110-111; ver também Rohr, 1971) observa uma distribuição bimodal nas dimensões dos aterros anelares do baixo vale do rio Canoas, Santa Catarina: pequenos aterros de 15 a 30 m de diâmetro e grandes aterros de 50 a 60 m de diâmetro. Os primeiros, isolados ou

em grupos de até quatro, sempre cercam montículos funerários contendo cremações. Os aterros de grandes dimensões podem ou não conter montículos; no caso do sítio SC-AG-12, evidências como fornos, estatuetas de argila e tembetás levam DeMasi (2009:110-111) a sugerir, para os aterros de grandes dimensões, a função de centros cerimoniais para perfuração dos lábios dos meninos, rito de iniciação Xokleng descrito por Paula (1924:128-129). Um modelo semelhante é apresentado por DeSouza & Copé (2010) para a região de Pinhal da Serra, Rio Grande do Sul: os pequenos aterros anelares com montículos, sempre próximos de conjuntos de casas subterrâneas, seriam cemitérios de comunidades vizinhas, ao passo que os grandes aterros anelares seriam estruturas integrativas de alto nível (sensu Adler & Wilshusen, 1990), congregando para sua construção e uso uma população regional composta por várias comunidades distintas. Os autores levam em consideração não apenas as dimensões, mas também a estratigrafia de um aterro anelar de 80 m de diâmetro (sítio RS-PE-29, Estrutura 1) que apresentou camadas com sedimento de possível origem exógena, sugerindo o transporte de terra de uma distância superior às imediações do sítio, o que, portanto, parece representar um esforço construtivo maior do que no caso dos pequenos aterros anelares com montículos (DeSouza & Copé, 2010:103-105).

Entretanto, é provável que a variabilidade na arquitetura ritual Jê do Sul seja maior do que a expressa nos modelos acima. É verdade que os aterros anelares com montículos de função funerária apresentam um padrão recorrente: são compostos por círculos de 15 a 30 m de diâmetro, com frequência dispostos em pares, cercando cada um um montículo com sepultamentos cre-

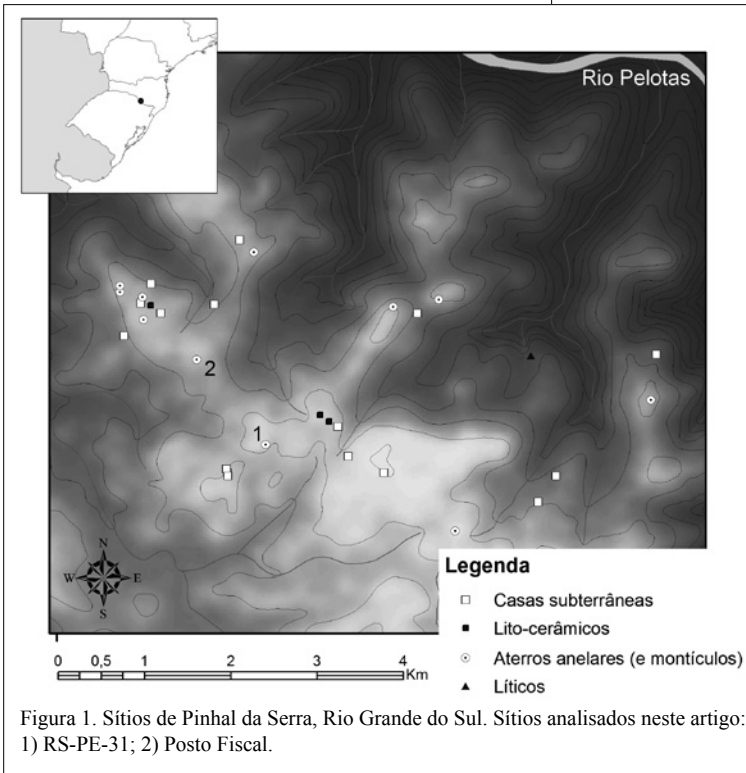
mados secundários ou, em alguns casos, primários (com a preservação das piras funerárias), e pouquíssimo material associado além de fragmentos de pequenas vasilhas (Copé et al., 2002:130-131; DeMasi, 2005:223-247; Müller, 2008:40-52; DeSouza & Copé, 2010:105-106). Além dessas características gerais, Iriarte et al. (2013:83-84, 93) notam a recorrência de alinhamentos SW-NE, com aterros ligeiramente maiores localizados sempre a oeste e em posições ligeiramente mais elevadas, o que relacionam à organização dual tipicamente Jê e, em particular, à assimetria entre as metades da sociedade Kaingang, com ênfase ritual na metade *kamé* ligada ao oeste (ver também Crépeau, 1994). Os autores interpretam os pares de aterros anelares com montículos como cemitérios de líderes locais associados ao culto dos ancestrais de cada metade.

Entre os desvios do padrão acima, o mais significativo é representado pelos sítios com anexos quadrangulares. Iriarte et al. (2013:84) percebem, a partir de topografia detalhada, que as estruturas de forma quadrangular representam acréscimos tardios na história de construção dos sítios. Segundo os autores, a manutenção dos espaços funerários, embora com alteração da arquitetura circular para a quadrangular, sugere um esforço consciente para estabelecer continuidade com linhagens ancestrais, apesar de possíveis mudanças na sociedade (Iriarte et al., 2013:93). Os autores notam também uma distinção nos alinhamentos dos anexos quadrangulares em relação aos circulares, sendo os primeiros mais próximos de E-W (Iriarte et al., 2013:83).

Seria possível que a arquitetura diferenciada também implicasse em atividades distintas realizadas nesses sítios? Neste artigo, é apresentada a análise dos conjuntos artefatuais recuperados nos sítios RS-

-PE-31 e Posto Fiscal, ambos de arquitetura complexa (envolvendo aterros circulares com anexos quadrangulares). Os sítios se localizam no município de Pinhal da Serra, Rio Grande do Sul (Figura 1). A área apresenta grande concentração de sítios Jê do Sul de diversas categorias, incluindo casas subterrâneas, aterros anelares, sítios líticos e sítios lito-cerâmicos a céu aberto (ver Copé et al., 2002 e Saldanha, 2005 para uma discussão do sistema de assentamento Jê do Sul na região) e uma cronologia que se estende de AD 890 até o período histórico (Iriarte et al., 2013:82). Os primeiros trabalhos na região foram decorrentes de arqueologia de salvamento (Ribeiro & Ribeiro, 1985; Copé et al., 2002; Saldanha, 2005), e as pesquisas prosseguiram com financiamento da Wenner-Gren Foundation em projeto coordenado por José Iriarte (Universidade de Exeter) e Silvia Copé (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) (Iriarte et al., 2013).

A partir dessa longa história de pesquisas, tornou-se claro que a paisagem Jê meridional em Pinhal da Serra é altamente estruturada a nível regional. Especialmente em relação aos conjuntos de aterros anelares e montículos, Saldanha (2005, 2008) demonstra que estão implantados em topos proeminentes próximos a conjuntos de casas subterrâneas, estas localizadas nas vertentes suaves, conformando pequenos agrupamentos de sítios domésticos e rituais. O autor também constata, a partir de análises de GIS, que os sítios funerários são visíveis entre si, mas possuem visibilidade restrita de outras categorias de sítios; além disso, situam-se nos pontos nodais de trânsito (locais onde os caminhos de menor custo pelo terreno convergem), conformando, portanto, importantes marcos na paisagem (Saldanha, 2005:135-140; ver também Copé, 2007; Iriarte et al., 2013).



O SÍTIO RS-PE-31

O sítio RS-PE-31 foi inicialmente descrito e escavado por Ribeiro & Ribeiro (1985), e foi retomado pela equipe da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2007. É composto por uma estrutura complexa: um grande aterro anelar, de 40 m de diâmetro, cercando um montículo; ao aterro anelar se une, a sudeste, um aterro quadrangular, de contorno próximo a um trapézio, com 30 m de comprimento e 15 m de largura máxima. Emoldurado por esse aterro quadrangular, encontra-se outro montículo. Ainda ligado ao grande aterro anelar existe um segundo círculo, de 20 m de diâmetro, com um montículo em seu centro (Figura 2). Essa estrutura arquitetonicamente complexa está localizada no topo plano de um morro, a cerca de 930 m de altitude, com ampla visibilidade dos arredores em todas as direções. Atualmente a área é de pasto, embora metade do aterro anelar maior esteja coberta por um bosque.

As intervenções se deram a partir de uma linha estabelecida em sentido norte-sul cobrindo amostras de diferentes pontos: áreas externas e internas das estruturas, aterros e montículos. Foram escavados, assim, tanto os espaços no interior e no exterior do aterro anelar menor e do aterro quadrangular, quanto o topo dos montículos cercados por esses aterros, bem como o topo dos próprios aterros (Figura 2). Encontrou-se pouco ou nenhum material arqueológico em quase todas as áreas, com exceção de um ponto localizado entre o aterro circular menor e o aterro quadrangular, o que sugeriu que as áreas cercadas pelos aterros eram mantidas limpas, ao passo que as atividades se realizavam nas áreas externas. Devido à quantidade de material arqueológico encontrado, ampliou-se a área escavada entre os dois aterros, inicialmente de apenas uma quadrícula de 1 x 1 m, para 4 m². O material se concentrava entre 10 e 20 cm de profundidade, e era composto principalmente por pequenas lascas de quartzo. Muitas concentrações de carvão foram notadas associadas a esse material, e algumas peças possuíam alteração térmica. No setor noroeste da área escavada, foi evidenciado um aglomerado de blocos de basalto, conformando uma possível micro-estrutura de fogueira.

No topo do montículo que se encontra no centro do aterro anelar menor, entre 10 e 15 cm de profundidade, foi observada uma mancha cinza com uma concentração de carvões de grandes dimensões, que se supôs corres-

ponder ao início de uma estrutura funerária. Contudo, o prosseguimento das escavações nesse montículo não revelou quaisquer ossos calcinados ou outros indícios de sepultamento. É possível que isso se deva ao pequeno tamanho da área escavada no montículo (1 x 1 m) ou ao mau estado de conservação do sítio.

O SÍTIO POSTO FISCAL

O sítio Posto Fiscal está situado em uma alta vertente suave, com vista ampla para o leste. Em direção a sudeste, o próximo topo de morro é ocupado pelo sítio RS-PE-31,

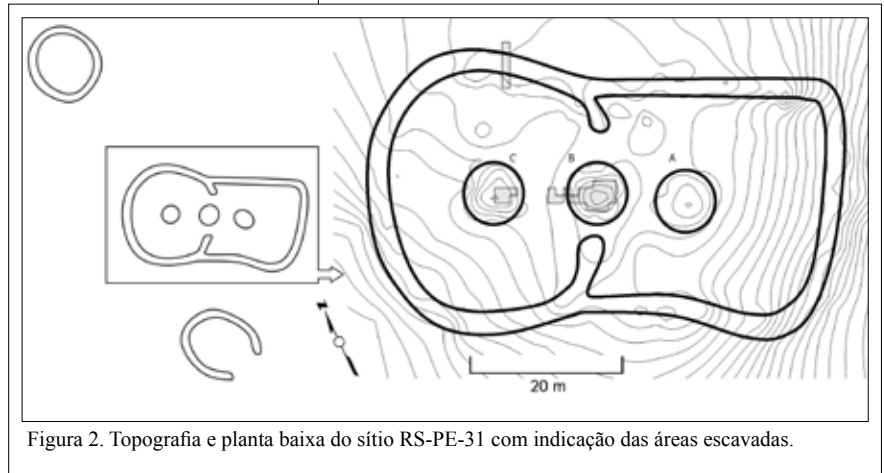


Figura 2. Topografia e planta baixa do sítio RS-PE-31 com indicação das áreas escavadas.

com o qual este sítio guarda a maior semelhança arquitetônica. O sítio Posto Fiscal é composto por um aterro anelar de 30 m de diâmetro ao qual se une um aterro quadrangular com também 30 m de comprimento. Há três montículos cercados pela estrutura, dispostos em sentido sudeste-noroeste: um no centro do aterro anelar, outro no centro do aterro quadrangular, e,

por fim, um montículo sobre o aterro anelar, em um ponto em que este se encontra, aparentemente, interrompido (Figura 3). Além dessa estrutura arquitetonicamente complexa, encontram-se dois outros aterros anelares nas proximidades, ambos com cerca de 20 m de diâmetro, em direção a noroeste e a sudeste. Os montículos da estrutura principal foram denominados, de sudeste a noroeste, A, B e C. A seguir, apresentam-se os dados mais relevantes da escavação para a presente análise (ver também Iriarte et al., 2013:84-87; Copé, 2011; DeSouza, 2012:52-60).

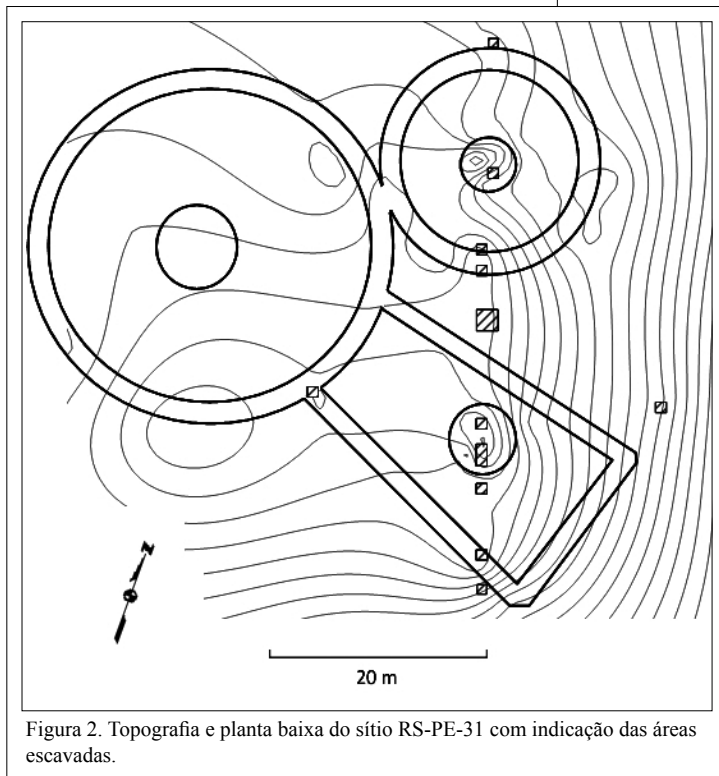


Figura 2. Topografia e planta baixa do sítio RS-PE-31 com indicação das áreas escavadas.

A escavação no sítio ocorreu em duas etapas. Na primeira campanha, foram escavadas áreas dos montículos B e C. Uma quantidade incomum de material lítico e cerâmico foi encontrada em ambos os montículos. No montículo B, aos 30 cm de profundidade, foi evidenciada uma lente de terra queimada que se estendia por uma área de cerca de 1 m² (Figura 4a). No mesmo nível da terra queimada, superpostos a ela e em sua periferia imediata, foram encontrados pequenos fragmentos de ossos calcinados, embora nenhuma estrutura funerária bem definida tenha sido notada. Também no entorno da terra queimada, cerca de 20 cm abaixo do nível desta, foi evidenciada parte de um denso aglomerado de pedras, completamente escavado na campanha seguinte (Figura 4b). Essa micro-estrutura é semelhante aos fornos dos sítios PM01 (Iriarte et al. 2008, 2010) e SC-AG-12 (DeMasi 2005, 2009).

Durante a segunda etapa, além da intervenção na área entre os montículos, ampliou-se a escavação no Montículo B e foi aberta uma trincheira de 6 x 1 m cortando o aterro anelar. No Montículo B, aos 60 cm de profundidade (nível que topograficamente corresponderia a sua base), foram evidenciadas três feições alongadas, escavadas no solo natural, com dimensões médias de 175 x 65 cm (Figura 5). As feições possuem entre 30 e 40 cm de profundidade, e em uma delas foi encontrada uma vasilha inteira fragmentada *in situ* (Figura 4c). Dentro da mesma feição, ao lado da vasilha, mi-

núsculos fragmentos de ossos calcinados foram recuperados. Na área entre os dois montículos, uma densa concentração de material arqueológico foi encontrada, incluindo a maior quantidade de cerâmica do sítio e um grande instrumento bifacial sobre bloco de basalto (Figura 7a).

Foram obtidas as seguintes datas para o sítio: da trincheira sobre a estrutura anelar, foi datado carvão associado a uma pequena concentração de material lítico em 1070 ± 40 B.P., Cal. A.D. 890-1020 (Beta-303594), enquanto um carvão recuperado sobre a lente de terra queimada no Montículo B forneceu uma data de 330 ± 30 B.P., Cal. A.D. 1480-1640 (Beta-304479). Portanto, a construção do aterro anelar parece anteceder em no mínimo 400 anos o evento que resultou na formação da lente de terra queimada do

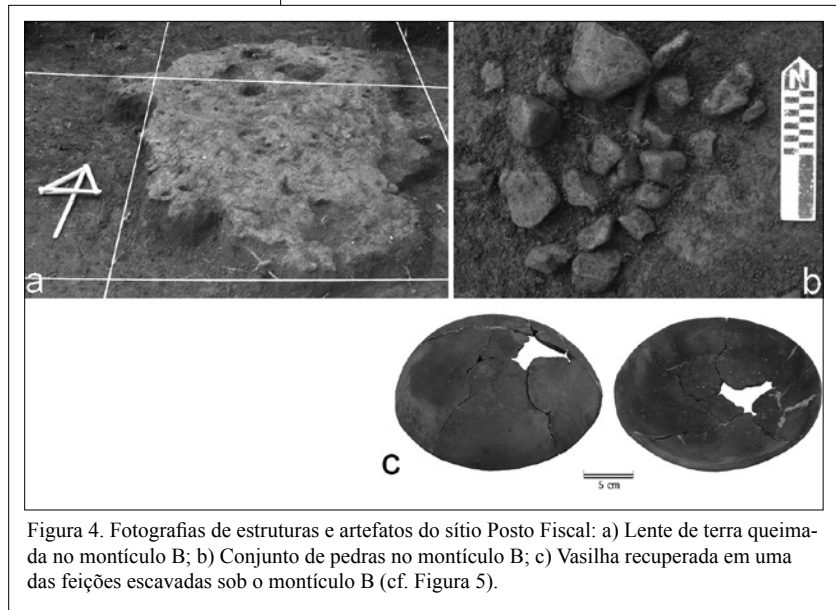


Figura 4. Fotografias de estruturas e artefatos do sítio Posto Fiscal: a) Lente de terra queimada no montículo B; b) Conjunto de pedras no montículo B; c) Vasilha recuperada em uma das feições escavadas sob o montículo B (cf. Figura 5).

Montículo B. Abaixo do nível da terra queimada, junto a uma concentração de material lítico e cerâmico, foi coletado carvão datado em 370 ± 30 B.P., Cal. A.D. 1450-1630 (Beta-309037). Podemos supor que de fato o Montículo B foi erguido como um acréscimo posterior ao aterro anelar.

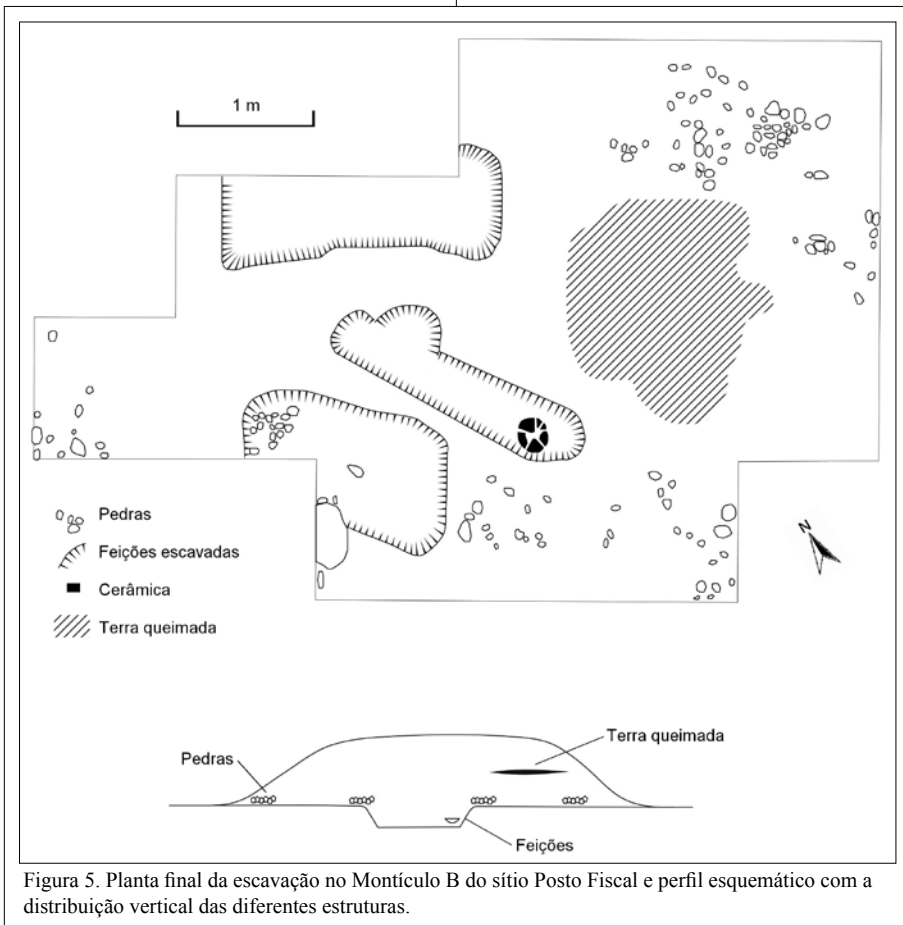


Figura 5. Planta final da escavação no Montículo B do sítio Posto Fiscal e perfil esquemático com a distribuição vertical das diferentes estruturas.

MATERIAL LÍTICO E CERÂMICO DOS SÍTIOS RS-PE-31 E POSTO FISCAL

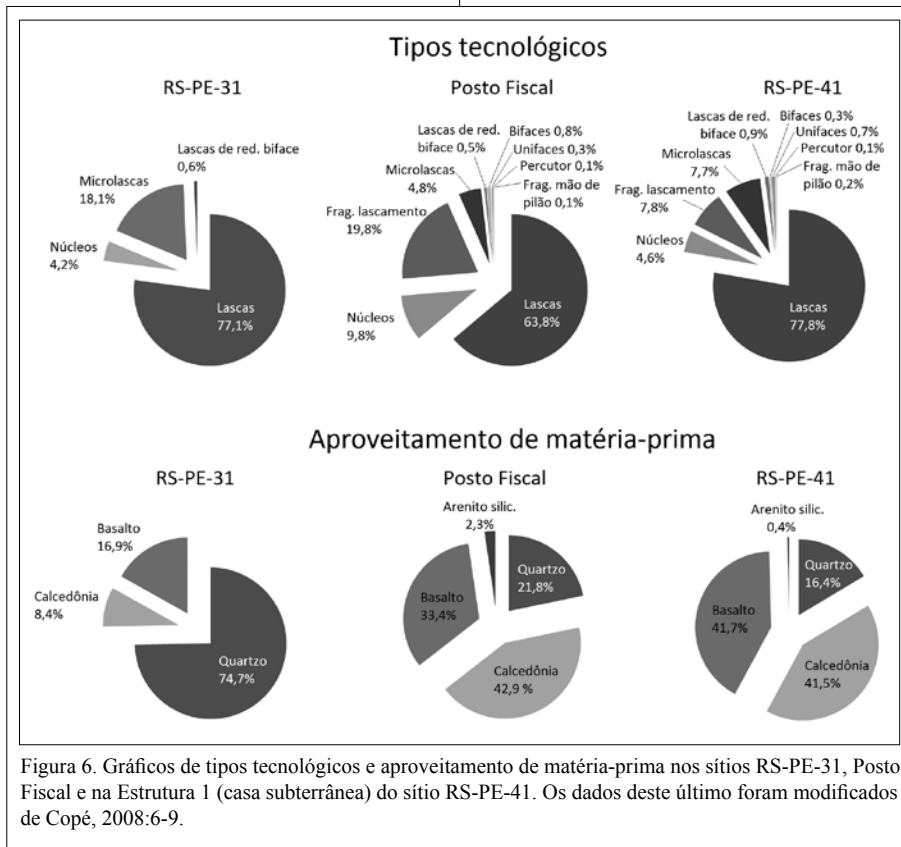
No sítio RS-PE-31, o material lítico constitui a quase totalidade do material recuperado, havendo apenas um fragmento de cerâmica. Quanto aos tipos tecnológicos identificados, das 166 peças analisadas, a maioria corresponde a vestígios de debita-gem, ou seja, núcleos, lascas e fragmentos de lascamento – excluindo-se as micro-lascas¹. Estas compõem a quase totalidade do material restante, com exceção de uma única lasca de redução de biface. Em relação à seleção e aproveitamento de matéria-prima, ao

1- As microlascas (com menos de 1 cm) foram consideradas uma categoria à parte devido às observações de Odell (1994) sobre lamelas em contextos cerimoniais, conforme se comenta no final desta seção.

contrário do que ocorre nos sítios de habitação da região (Copé, 2008) houve uma preferência pelo quartzo, seguido pelo basalto e pela calcedônia² (Figura 6). Quase todo o material está concentrado em uma pequena área não cercada pelas estruturas de terra, entre o aterro anelar menor e o aterro quadrangular. As maiores proporções de debita-gem, micro-lascas e lascas com marcas de uso se localizam nesse ponto.

No sítio Posto Fiscal, o material lítico proveniente dos montículos B e C, bem como da área entre estes, totalizou 1214 pe-

2- O termo calcedônia é na verdade incorreto, pois denomina um mineral e não uma rocha. O termo silixito é o mais apropriado para se referir de forma genérica às rochas silicosas de gênese química (Araujo, 1991). Contudo, o termo calcedônia é mantido ao longo do artigo por estar consolidado na arqueologia do sul.



ças. A maioria corresponde a vestígios de debitage, ou seja, lascas, núcleos e fragmentos de lascamento, existindo também uma quantidade pequena de microlascas e, entre o restante do material, lascas de redução de biface, instrumentos bifaciais e unifaciais (Figura 7a e b), um percutor e um fragmento de mão-de-pilão. No que toca à seleção e aproveitamento de matéria-prima, ao contrário do que se passa no sítio RS-PE-31, a calcedônia teve preferência, seguida pelo basalto, pelo quartzo e por uma quantidade pequena mas significativa de arenito silicificado, ausente ou raro nos demais sítios da região (Figura 6). Deve-se observar que instrumentos em todas as etapas de redução (sensu Collins, 1975) estão presentes, desde a retirada do córtex até os retoques, e a presença de lascas de redução de biface no sítio sugere que ao menos algumas

dessas etapas podem ter sido levadas a cabo no local. Predominam, entretanto, os instrumentos com bordos laterais não refinados, sem retoque, que seriam considerados expedientes por alguns critérios (Andrefsky, 2008:7-9).

A cerâmica do sítio Posto Fiscal totalizou 142 fragmentos, dos quais apenas uma pequena quantidade ($n = 10$) apresentou marcas de uso associadas ao processamento de alimentos, como fuligem ou restos carbonizados no interior. As formas que puderam ser reconstituídas são comuns a outros sítios rituais Jê do Sul (Iriarte et al. 2008, 2010; DeMasi, 2005; Saldanha, 2005; Müller, 2008): a vasilha recuperada no fundo de uma das feições sob o Montículo B apresenta forma de meia-calota, com 22 cm de diâmetro, 6 mm de espessura, e é coberta externa e internamente por engobo vermelho (Figuras 4c e

7c). Diretamente de cima da lente de terra queimada foram recuperadas bordas de outras duas vasilhas muito pequenas e finas: uma delas, com apenas 4 mm de espessura e aproximadamente 8 cm de diâmetro, possui forma cilíndrica aberta e contorno levemente infletido, com um motivo inciso reticulado abaixo do ponto de inflexão; a outra, com 5 mm de espessura e aproximadamente 9 cm de diâmetro, apresenta forma de meia-calota (Figura 7d). As características desses vasilhames – suas dimensões reduzidas, sua pequena espessura e forma não restringida, além da ausência de marcas de uso como fuligem e restos carbonizados – apontam para atividades de servir, no caso do vasilhame maior, ou de consumo individual, no caso dos menores (Rice, 1987; Skibo, 1992; Saldanha, 2005). A grande quantidade de cerâmica proveniente desse sítio ritual contrasta com sua baixa frequência nos sítios de casas subterrâneas de Pinhal da Serra (Copé, 2008), fenômeno também notado em outras regiões, como São José do Cerrito (Schmitz et al., 2010) e Campos Novos (DeMasi, 2005).

É interessante observar que na área entre os Montículos B e C o material estava densamente concentrado nos níveis iniciais, especialmente entre 15 e 25 cm de profundidade; já no Montículo B, a maior concentração de material ocorria nos níveis mais profundos, especialmente entre 35 e 45 cm de profundidade, junto com os conjuntos de pedras e imediatamente acima do nível das feições. O restante do material do Montículo B está distribuído pelos níveis superficiais, sem formar concentrações, e tendo como únicas estruturas associadas a lente de terra queimada e uma grande pedra, colocada sobre uma das feições (Figura 5). Considerando a distribuição do material em geral, tanto a cerâmica quanto os vestígios de debitagem e micro-lascas se concentram na área entre os dois montículos. Por

outro lado, quando se consideram apenas as lascas com marcas de uso³, nota-se que estão particularmente concentradas nos pontos que correspondem a conjuntos de pedras (possíveis fornos) na base do Montículo B (Figura 8). É importante notar que, nos sítios PM01 (Iriarte et al. 2008, 2010) e SC-AG-12 (DeMasi 2005, 2009), os conjuntos de pedras são maiores e mais formais do que no sítio Posto Fiscal. Se de fato se trata de estruturas de cocção, então é possível que um número menor de indivíduos participasse das atividades no sítio Posto Fiscal do que nos outros sítios citados (o que também é sugerido pelas dimensões do sítio PM01, com um aterro anelar de 180 m de diâmetro e uma avenida de entrada, cf. Iriarte 2008:948-955).

Tudo leva a crer, portanto, que havia uma extensa área de atividade anterior à construção do Montículo B, porém posterior às feições, pois uma destas está parcialmente coberta por um dos conjuntos de pedras (Figura 5). É comum em contextos norte-americanos a construção de montículos sobre áreas de atividades ou estruturas anteriores, sendo que estas sempre possuem um caráter ritual especializado, como casas de descarnamento ou espaços comunais (Sherwood & Kidder, 2011:74). Sob o Montículo B, a presença de ossos calcinados e da vasilha completa, possível oferenda, ao menos sugere uma função funerária para as feições (possíveis covas). Iriarte et al. (2013:86), considerando a quase ausência de vestígios mortuários nas feições, sugerem a possibilidade de seu uso para inumações temporárias, sendo os corpos posteriormente exumados e trasladados para um local de sepultamento permanente. Em todo

3- É importante ressaltar que, durante a análise, foram registradas apenas as marcas de uso macroscópicas – o que não implica que o restante dos artefatos não tivesse sido utilizado, apenas que não se realizou análise microscópica para sabê-lo (Andrefsky 2005:76-77).

caso, as atividades realizadas sobre as feições e em seu entorno poderiam refletir eventos de festins mortuários.

Vejamos, para fins de comparação com os sítios aqui analisados, dois “típicos” aterros anelares com montículos da mesma região: os sítios RS-PE-21 (Copé et al., 2002) e RS-PE-29-Estrutura 3 (DeSouza & Copé, 2010). Ambos são formados por pares de aterros anelares entre 15 e 20 m de diâmetro, cada um com um montículo no centro. Nos dois casos foram escavadas trincheiras que serviram à amostragem de diferentes áreas das estruturas, desde o montículo até o exterior do espaço delimitado pelos aterros circulares. Sepul-

tamentos cremados foram evidenciados nos montículos dos dois sítios. O material lítico era ausente no sítio RS-PE-21, e no sítio RS-PE-29-Estrutura 3 era composto por apenas cinco lascas e um instrumento unifacial. Foram recuperados apenas 12 fragmentos de cerâmica no sítio RS-PE-21, dos quais uma parte pertencia a uma vasilha em meia-calota localizada junto ao sepultamento (Saldanha, 2005:89-90). No sítio RS-PE-29-Estrutura 3 havia 24 fragmentos de cerâmica, a maioria pertencente à mesma vasilha,

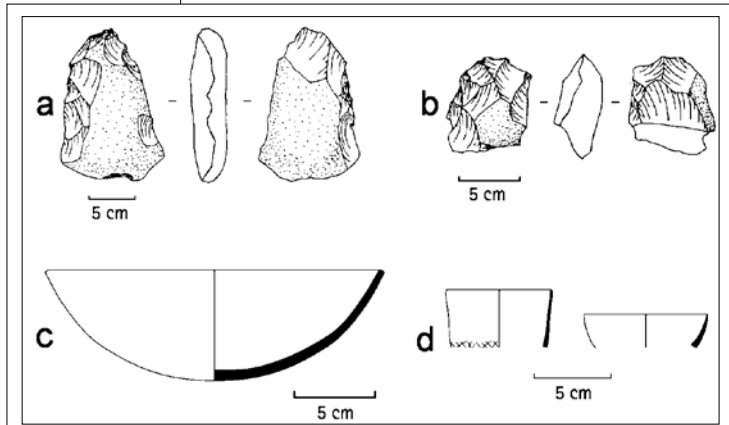


Figura 7. Desenhos de artefatos do sítio Posto Fiscal: a) Instrumento bifacial sobre bloco de basalto proveniente da área entre os montículos B e C; b) Instrumento bifacial sobre bloco de basalto encontrado no montículo C; c) Vasilha depositada em uma das feições sob o montículo B; d) Vasilhas localizadas sobre a lente de terra queimada no montículo B.

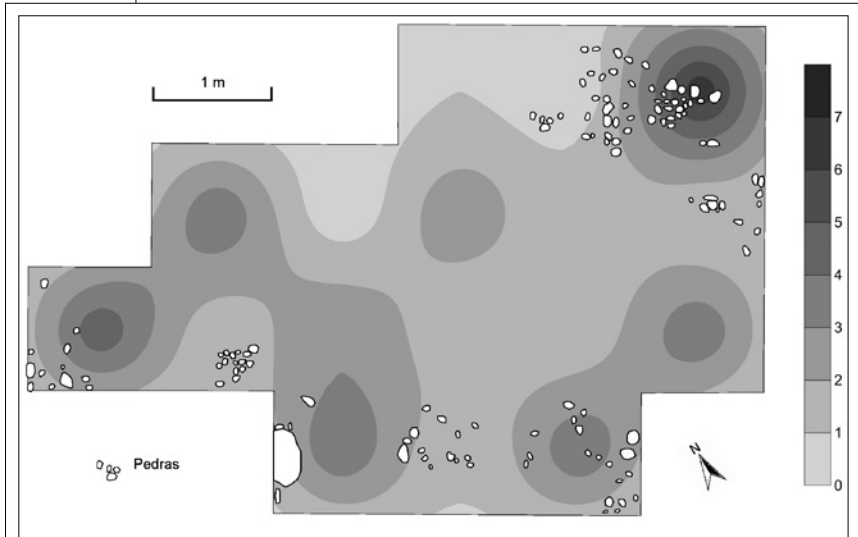


Figura 8. Distribuição das lascas com marcas de uso sob o montículo B (níveis 35-45 cm).

localizada junto aos sepultamentos no montículo, embora o grau de deterioração não permitisse a reconstrução de sua forma. Em nenhum dos casos foi localizada qualquer micro-estrutura semelhante a conjuntos de pedras ou feições escavadas. Portanto, os conjuntos artefatuais e micro-estruturas dos sítios RS-PE-31 e Posto Fiscal sugerem que nesses locais teriam sido realizadas atividades diferentes dos demais sítios de aterros anelares e montículos. As diferenças nos conjuntos líticos e a grande quantidade de

cerâmica presente no sítio Posto Fiscal também apontam para distinções entre este e o sítio RS-PE-31, sendo o último caracterizado pela ausência de instrumentos, maior quantidade de microlascas e preferência pelo quartzo (Figura 6).

É importante traçar comparações entre tais sítios cerimoniais e os contextos domésticos da mesma região: a análise do material lítico de uma casa subterrânea (Estrutura 1) do sítio RS-PE-41 (Copé, 2008) revelou intensa atividade de debitage no local, com poucos instrumentos presentes, algumas lascas de redução de biface e um fragmento de mão-de-pilão. Nesse sítio de habitação, a matéria-prima preferencial foi a calcedônia, embora o basalto ocorresse em proporções semelhantes, além de uma pequena quantidade de quartzo (Figura 6). A cerâmica era quase ausente. As características do conjunto lítico desse sítio de habitação são semelhantes às do sítio Posto Fiscal. Se em um contexto doméstico espera-se que ocorra o processamento e o consumo de alimentos, algumas etapas da produção e da manutenção de instrumentos e o trabalho com materiais perecíveis, é provável que essas atividades também estivessem presentes no sítio Posto Fiscal, embora com significados diferentes dada sua associação a um contexto cerimonial. A maior quantidade de arenito silicificado, matéria-prima rara na região, diferencia o sítio Posto Fiscal do contexto doméstico citado; a grande quantidade de cerâmica, principalmente ligada a atividades de servir e ao consumo (embora as formas reconstituídas pudessem estar presentes como oferendas funerárias), é outra distinção importante, dentro das expectativas para um espaço cerimonial (Rice, 1987).

O sítio RS-PE-31 apresenta diferenças notáveis tanto com o sítio Posto Fiscal quanto com os contextos domésticos: em seu conjunto artefactual nota-se uma quantidade

elevada de microlascas e uma preferência incomum pelo quartzo (Figura 6). Em uma análise microscópica de marcas de uso em lamelas provenientes de um contexto mortuário com montículos Hopewell, nos Estados Unidos, Odell (1994) notou uma especialização no uso destas em atividades de raspar e cortar materiais moles. Já as lamelas provenientes de contextos domésticos haviam servido a uma diversidade maior de atividades, o que indica que tais artefatos possuíam funções diferentes em contextos diferentes. No caso dos contextos mortuários ou cerimoniais, Odell (1994) sugere que as lamelas teriam sido utilizadas para a preparação de vestimentas, utensílios e itens decorativos, tanto para uso nas cerimônias quanto para acompanhamento funerário; o consumo ritual de carne seria outra possibilidade. É possível que no sítio RS-PE-31 as microlascas de quartzo tivessem funções semelhantes, seja para preparar alimentos especiais de consumo ritual, seja para trabalhar artefatos em materiais perecíveis como parte dos rituais ou como acompanhamento funerário. Talvez fosse essa também a função de parte das lascas e dos instrumentos encontrados no sítio Posto Fiscal, o que implicaria em uma maior elaboração do rito funerário nesses dois sítios.

A FUNÇÃO DOS SÍTIOS RS-PE-31 E POSTO FISCAL

Os sítios RS-PE-31 e Posto Fiscal fogem ao padrão notado até o momento para os aterros anelares com montículos funerários Jê do Sul. As escavações revelaram que ocorriam nos dois sítios atividades distintas, conforme evidenciado pelos conjuntos líticos e cerâmicos e também pelas feições encontradas. Considerando os sítios funerários como parte de um sistema de assentamento, deve-se notar que a mesma sociedade pode utilizar múltiplos cemitérios

de diversos tipos para sepultar diferentes segmentos de seus membros, conforme suas posições sociais, e que esses cemitérios devem variar em tamanho, forma, conteúdo e estrutura (Carr, 2006a:77-78). Existe a possibilidade de que alguns cemitérios Jê do Sul fossem reservados a indivíduos de *status* superior?

A reconstrução, a partir das práticas funerárias, do nível de complexidade das sociedades no passado se baseia no princípio de que o *status* de um indivíduo em vida se refletirá no seu tratamento após a morte e de que, portanto, quanto mais complexa for uma sociedade (no sentido de ser estratificada ou organizada por princípios de *status*), mais complexo será o conjunto dos ritos mortuários, apresentando maior número de tratamentos diferenciados (Binford, 1971; O'Shea, 1984). Os indicadores mais freqüentemente utilizados para medir a complexidade dos ritos mortuários são o tratamento dispensado ao corpo, a preparação de sua tumba e os acompanhamentos funerários. Autores como Binford (1971), Peebles & Kus (1977), Tainter (1978) e O'Shea (1984) enfatizam que, nas sociedades complexas, quanto mais alto for o *status* de um indivíduo, maior será o número de pessoas que lhe devem obrigações, contribuindo com um maior investimento de trabalho e maior dispêndio de energia no tratamento do corpo, na construção da tumba e na preparação dos acompanhamentos. Mesmo em casos nos quais não se encontram símbolos materiais claros de diferenciação, aspectos como a duração e as atividades que são realizadas durante o funeral costumam distinguir o tratamento dispensado a indivíduos de alto *status* (Carr, 2006b:246). Aspectos como a localização da tumba, em posição proeminente ou segregada das demais, são também relevantes (Carr, 2006b:243). No caso das distinções de *sta-*

tus, espera-se que quanto mais alta for uma posição, menor será o número de pessoas a possuí-la – ao contrário das distinções horizontais, como as metades, que possuem cada uma um número aproximadamente igual de membros (Binford, 1971; O'Shea, 1984; Peebles & Kus, 1977).

Existem suficientes informações etnográficas para demonstrar a aplicabilidade dos critérios acima mencionados aos povos Jê meridionais. Entre os Kaingang do Rio Grande do Sul no final do século XIX apenas os caciques principais eram sepultados sob montículos, cuja construção congregava todas as tribos que lhes eram subordinadas:

“Fallecendo o cacique principal dos coroados é enterrado com grande pompa devida à sua alta posição. [...] O filho mais velho (com o arco e as flechas de seu pai) chega-se ao cadáver pelo lado dos pés e elevando as armas para cima da cabeça, declara às tribos que elle é agora o seu chefe supremo [...] Em seguida o novo chefe ordena os homens das tribos que cubram com terra o cadáver de seu pai [...] Assim que o cadáver fica deste modo soterrado, chegam-se todos para junto ao fogo e tratam de comer. [...] No dia seguinte ao enterro do cacique principal e desde esse dia em diante todos os moços das tribos subordinadas voltam ao lugar da sepultura do cacique e sobre ella amontoam terra até formar um túmulo circular de não menos de 25 palmos de diâmetro (e às vezes mais) com 6 palmos de altura, serviço este no qual levam às vezes muitos mezes, porque além de carregarem a terra em uma espécie de cabaz (feito de taquara e cipó) de pequenas dimensões, pouco maior do que uma quarta de alqueire [...] vão buscal-a em geral à grande distância, à margem de algum arroio ou sanga com barranco que desmorone, e donde a fazem sahir com estacas de madeira. [...] Acabado o túmulo, no dia seguinte para ahi se dirigem todas as tribos, carregando as mulheres e crianças os mantimentos, e os homens armados de arco e flechas, com o novo cacique à frente. Ahi chegados as mulheres fazem fogos ao redor do túmulo, na distância de 8 a 10 palmos um do outro e isto no terreno que previamente foi expurgado da vegetação, e junto a esses fogos fazem uma refeição, finda a qual começam as scenas de gritaria e cantos lúgubres já por nós referidos, e acompanhados de gestos burlescos que elles dizem que exprimm sua dôr pelo desaparecimento do seu cacique” (Mabilde, 1897:162-166)

Nesse relato transparecem também a hereditariedade do cargo de cacique principal e as refeições, pequenos festins que acompanham seu longo funeral e prosseguem após a construção do montículo. O mesmo local em que se sepultava um cacique principal era destinado ao sepultamento dos caciques subordinados, embora sem montículo e com ritos menos prolongados, o que aponta para a existência de cemitérios segregados para indivíduos de *status* elevado entre os Kaingang históricos (Mabilde, 1897:166). Já entre os Xokleng do início do século XX, todos os indivíduos eram sepultados sob montículos, embora os montículos de maiores dimensões fossem reservados aos caciques (Vasconcellos, 1912:19).

De imediato já se pode argumentar que os sítios RS-PE-31 e Posto Fiscal cumprem com os critérios para a identificação de cemitérios de alto *status*:

- 1) Esses sítios existem em menor número que os cemitérios “simples”;
- 2) A complexidade de sua arquitetura aponta para um maior investimento de energia em sua construção. Embora as datas indiquem que isso ocorreu a longo prazo, deve-se observar que a própria manutenção do espaço funerário na longa duração diferencia os sítios Posto Fiscal e, possivelmente, RS-PE-31 dos demais, tornando-os “lugares monumentais persistentes” (sensu Thompson & Pluckhahn, 2012);
- 3) Os conjuntos artefatuais dos dois sítios apontam para uma diversidade maior de atividades realizadas nesses cemitérios em relação aos demais;
- 4) Essas atividades poderiam envolver a confecção de itens rituais ou para acompanhar o(s) falecido(s), caso em que atestariam maior investimento na produção dos acompanhamentos funerários em comparação com os demais cemitérios;
- 5) As atividades também poderiam en-

volver a preparação e consumo de alimentos, assemelhando-se aos festins funerários dos caciques Kaingang.

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO MONTÍCULO B

Vejamos, através de uma “biografia” do Montículo B do sítio Posto Fiscal (onde as intervenções foram mais intensas), as atividades que teriam tido lugar nos sítios arquitetonicamente complexos.

Inicialmente, alguns indivíduos foram sepultados em grandes covas, em um caso com uma pequena vasilha servindo de acompanhamento. Após a cobertura dessas covas, foram realizadas atividades ao seu redor que resultaram no acúmulo de material lítico e cerâmico, concentrado no que seria a base do montículo. A análise apresentada nas seções anteriores demonstrou que essas atividades devem ter sido semelhantes às realizadas em contextos domésticos, incluindo a preparação e o consumo de alimentos. Através da distribuição do material percebeu-se uma associação entre as lascas com marcas macroscópicas de uso e certas micro-estruturas como conjuntos de pedras que podem ter sido fornos (DeMasi 2005, 2009; Iriarte et al. 2008, 2010). Essa distribuição é similar à que se observa nos casos de refúgio primário no entorno de fogueiras (Sakaguchi, 2007:34-35, 41). Seria esse refúgio um remanescente do que se denomina *feasting* ou “festim” na literatura antropológica? Twiss (2008) propõe alguns correlatos materiais de festins, dos quais os seguintes são aplicáveis ao caso em questão: a) o consumo em grande quantidade, evidenciado pelo refúgio; b) o uso de estruturas e locais especiais; c) a associação com rituais, no caso funerários. Não se deve esquecer, contudo, que uma parte do material lítico pode também ter sido utilizada para a confecção de objetos perecíveis, seja

como acompanhamentos funerários, seja como itens usados nos rituais (Odell, 1994; Carr, 2006c:465-468).

Posteriormente, houve vários acréscimos de terra aumentando as dimensões do montículo. Nesses níveis também foi encontrado material, embora disperso e sem associação com estruturas particulares, padrão que se assemelha ao de refugio secundário resultante de limpeza e redeposição (Sakaguchi, 2007:34-35, 41). Nesse caso, o material redepositado seria originário das áreas de refugio primário (resultante dos festins mortuários). O uso de refugio secundário como preenchimento em construções, inclusive as de caráter ritual, já havia sido notado por Schiffer (1987:70). Walker (1995) utiliza o termo “lixo cerimonial” para se referir aos artefatos utilizados ou quebrados provenientes de rituais e depositados como preenchimento em construções de caráter cerimonial por ocasião de seu abandono. Já os “depósitos sacrificiais” seriam artefatos inteiros ou não utilizados, propositadamente tirados de circulação através de sua deposição em espaços rituais. A vasilha inteira, possível acompanhamento funerário, encontrada em uma das feições no Montículo B seria um exemplo de depósito sacrificial, ao passo que os demais fragmentos de cerâmica, os instrumentos e as lascas com marcas de uso fariam parte do lixo cerimonial.

Em contextos andinos, Vega-Centeno (2007) observa que centros cerimoniais construídos em múltiplos estágios apresentam eventos de construção de novas estruturas precedidos pelo soterramento propo-sital de estruturas antigas. O material com que essas estruturas soterradas foram preenchidas é refugio secundário relacionado à preparação e ao consumo de alimentos, composto por ossos de fauna, vegetais, pedras de fogueira, fragmentos de recipientes

e lascas de quartzo. Na interpretação de Vega-Centeno (2007), tais evidências apontariam para festins precedendo cada etapa de construção – uma estratégia das nascentes elites andinas envolvendo a distribuição e o consumo conspícuo de alimentos para recrutar seguidores e mobilizar seu trabalho nas construções. Esse caso apresenta paralelismos interessantes com o sítio Posto Fiscal (e com outros sítios rituais Jê do Sul, em especial os sítios PM01 e SC-AG-12, cf. DeMasi 2005, 2009; Iriarte et al. 2008, 2010). É preciso lembrar que pequenas lascas de quartzo eram abundantes também no sítio RS-PE-31, e a escolha dessa matéria-prima pode ter se dado em ambos os casos por razões simbólicas, dadas as suas propriedades visuais (Vega-Centeno, 2007:164). Uma diferença importante com relação ao contexto andino está no caráter funerário dos sítios Posto Fiscal e RS-PE-31, sugerindo que talvez a linhagem do(s) indivíduo(s) aí sepultado(s) “patrocinasse” o trabalho de construção do montículo através da promoção de festins.

Hayden (2009:37-38) observa que em sociedades de nível médio de complexidade a promoção de festins funerários é o pretexto mais utilizado pelas elites emergentes para a manipulação em favor de seus próprios interesses, algo que é exacerbado quando as elites conseguem reunir uma quantidade suficiente de seguidores para participar da construção de monumentos funerários. Nessas sociedades, entre as quais podem-se incluir os Jê meridionais em período pré-contato, os anfitriões (no caso, a linhagem do falecido) costumam convidar uma grande quantidade de participantes para o funeral, de modo a ostentar seu poder em demonstrações de consumo conspícuo para atrair alianças desejáveis (Hayden, 2009:33). Em período recente, uma sobrevivência desse tipo de comporta-

mento seria o funeral dos caciques Kain-gang conforme narrado acima (Mabilde, 1897:162-166).

Após a cobertura das feições e início da elevação do montículo, foi possivelmente realizada a cremação de outro indivíduo, resultando em uma lente de terra queimada associada a minúsculos ossos calcinados (Figura 4a). DeMasi (2005:225-226) relata um achado semelhante no sítio SC-AG-12: nesse caso, não havia muros quadrangulares, mas um piso de argila queimada foi evidenciado justamente em uma plataforma de contorno retangular, embora sem ossos calcinados associados. Sepultamentos cremados secundários encontravam-se, contudo, em um montículo separado da plataforma retangular. Talvez algumas estruturas (Montículo B do sítio Posto Fiscal, plataforma do sítio SC-AG-12) servissem a apenas um estágio do rito funerário nesses sítios. Deve-se ressaltar que mais escavações nos outros dois montículos do Posto Fiscal são necessárias, e podem ainda revelar sepultamentos secundários.

A complexidade da biografia do sítio Posto Fiscal contrasta com a da maioria dos sítios funerários Jê do Sul até o momento pesquisados, revelando um programa mortuário complexo e possivelmente em múltiplos estágios (Iriarte et al., 2013:87). É possível sugerir, a partir desses dados, uma relação entre complexidade arquitetônica (na forma, nas dimensões e no número de aterros, bem como no número de montículos) e a presença de festins funerários.

CONCLUSÃO

Através da análise dos conjuntos artefatuais e micro-estruturas dos sítios RS-PE-31 e Posto Fiscal percebe-se que os aterros anelares de arquitetura complexa foram também palco de uma série de ativi-

dades distintas das que ocorriam nos demais sítios. Se isso de fato implica em um *status* superior para os indivíduos aí sepultados, resta esclarecer a função dos pequenos aterros anelares com montículos.

Beber (2004:233-240), baseando-se principalmente no relato de Mabilde (1897-162-166), propõe que os montículos funerários seriam destinados ao sepultamento de indivíduos de alto *status*, sendo os demais depositados em grutas. DeMasi (2009:111), por outro lado, restringe a atribuição de *status* elevado apenas para os sepultamentos acompanhados de oferendas e evidências de festins mortuários. Para Müller (2008:137), o grande número de aterros anelares, aliado à presença de sepultamentos coletivos, indicam que todos os membros da comunidade eram sepultados em tais estruturas, sem distinções de *status*. Entretanto, é preciso ter ressalvas nesse ponto: apesar de ser comum, na região estudada, a ocorrência de pequenos aterros anelares com montículos nas proximidades imediatas de conjuntos de casas subterrâneas (Saldanha, 2005), o que sugere seu uso como cemitérios de pequenos grupos vizinhos, a maioria dos sepultamentos nos montículos é de apenas um ou dois indivíduos (Copé et al., 2002; Müller, 2008; DeSouza & Copé, 2010), com um único caso de seis indivíduos registrado por DeMasi (2009:108-109). Assim, como notado por Iriarte et al. (2013:93-94), é improvável que todos os membros da comunidade fossem sepultados em tais sítios, e é possível que estes fossem cemitérios de líderes locais.

Portanto, a interpretação de Beber (2004:233-240) parece confirmar-se para a região estudada, sendo os montículos reservados a indivíduos de alto *status*, embora com distinções entre os mesmos. Dentro dessa perspectiva, sugiro que, enquanto os pequenos aterros anelares com montículos

encerrariam sepultamentos de líderes locais (de comunidades vizinhas), os sítios RS-PE-31 e Posto Fiscal poderiam ter servido à inumação de líderes regionais - da mesma forma como a organização sócio-política dos Kaingang no século XIX apresentava dois níveis de hierarquia, com caciques principais e subordinados (Mabilde, 1899:142; Fernandes, 2004:102-103). Uma vez que os anexos quadrangulares são adições tardias na seqüência de construção dos sítios, e considerando as datas do Montículo B do sítio Posto Fiscal (séculos XV a XVII), pode-se especular que a emergência de cacicados com dois níveis de hierarquia seria um fenômeno relativamente recente na trajetória dos grupos Jê do Sul, imediatamente anterior ou coetâneo do contato com os europeus. Essa é, contudo, ainda uma hipótese de trabalho, e sua comprovação depende de novas escavações e datações tanto nos sítios aqui analisados quanto em outros de arquitetura semelhante.

AGRADECIMENTOS

A José Iriarte e Silvia Copé, coordenadores do projeto em colaboração entre a Universidade de Exeter e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, financiado pela National Geographic Society em 2009 e pela Wenner-Gren Foundation entre 2010 e 2011. A Paulo DeBlasis, orientador da dissertação que originou este artigo, desenvolvida no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *SB*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLER, M. & WILSHUSEN, R. 1990. Large-scale integrative facilities in tribal societies: cross-cultural and Southwestern U.S. examples. *World Archaeology*, 22(2):133-146.
- ANDREFSKY, W. 2005. *Lithics: macroscopic approaches to analysis*. Cambridge, Cambridge University Press.
- ANDREFSKY, W. 2008. An introduction to stone tool life history and technological organization. In ANDREFSKY, W. (Ed.), *Lithic Technology: measures of production, use, and curation*. Cambridge, Cambridge University Press. pp. 3-22.
- ARAUJO, A. G. M. 1991. As rochas silicosas como matéria-prima para o homem pré-histórico: variedades, definições e conceitos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo*, 1:105-111.
- BEBER, M. V. 2004. O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé. Tese de Doutorado. São Leopoldo, Unisinos.
- BINFORD, L. 1971. Mortuary practices: their study and their potential. *American Antiquity*, 36:6-29.
- CARR, C. 2006a. Salient issues in the social and political organizations of northern Hopewellian peoples. In CARR, C. & CASE, D. T. (Eds.), *Gathering Hopewell: society, ritual, and ritual interaction*. Nova York, Springer. pp. 73-118.
- CARR, C. 2006b. The question of ranking in Havana Hopewellian societies. In CARR, C. & CASE, D. T. (Eds.), *Gathering Hopewell: society, ritual, and ritual interaction*. Nova York, Springer. pp. 238-257.
- CARR, C. 2006c. Scioto Hopewell ritual gatherings. In CARR, C. & CASE, D. T. (Eds.), *Gathering Hopewell: society, ritual, and ritual interaction*. Nova York, Springer. pp. 463-479.
- CHMYZ, I. 1968. Subsídios para o estudo arqueológico do Vale do Rio Iguaçu. *Revista do CEPA, Curitiba*, 1:31-52.
- CHMYZ, I.; PEROTA, C.; MUELLER, H. I.; ROCHA, M. L. F. 1968. Notas sobre a arqueologia do vale do rio Itararé. *Revista do CEPA, Curitiba*, 1:7-23.
- COLLINS, M. B. 1975. Lithic technology as a means of processual inference. In SWANSON, E. (Ed.), *Lithic technology: making and using stone tools*. The Hague, Mouton. pp. 15-34.
- COPÉ, S. M. 2007. El uso de la arquitectura como artefacto en el estudio de paisajes arqueológicos del altiplano sur brasileño. *Revista de Arqueología, Universidad del Mar del Plata*, 2:15-34.
- COPÉ, S. M. 2008. Escavações arqueológicas em Pinhal da Serra, RS: atividades laboratoriais realizadas em 2006 e 2007. Porto Alegre, Núcleo de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- COPÉ, S. M. 2011. Relatório da escavação e dos trabalhos de geofísica em Pinhal da Serra, Janeiro/Fevereiro de 2011. Porto Alegre, Núcleo de Pesquisas Arqueológicas da Universidade

Federal do Rio Grande do Sul.

COPÉ, S. M.; SALDANHA, J. D. M.; CABRAL, M. P. 2002. Contribuições para a pré-história do planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas: Antropologia*, São Leopoldo, 58:121-139.

CORTELETTI, R. 2010. Atividades de campo e contextualização do Projeto Arqueológico Alto Canoas - PARACA: um estudo da presença proto-Jê no Planalto Catarinense. *CADERNOS DO LEPAARQ*, Pelotas, 7:121-157.

CRÉPEAU, R. 1994. Mythe et rituel chez les indiens Kaingang du Brésil meridional. *Religiologiques*, 10:143-157.

DE MASI, M. A. N. 2005. Relatório Final: Projeto de Salvamento Arqueológico Usina Hidrelétrica de Campos Novos. Tubarão, Unisul.

DE MASI, M. A. N. 2009. Centros cerimoniais do planalto meridional: uma análise intrassítio. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 22:99-113.

DE SOUZA, J. G. 2012. Paisagem ritual no planalto meridional brasileiro: complexos de aterros anelares e montículos funerários Jê do Sul em Pinhal da Serra, RS. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

DE SOUZA, J. G. & COPÉ, S. M. 2010. Novas perspectivas sobre a arquitetura ritual do planalto meridional brasileiro: pesquisas recentes em Pinhal da Serra, RS. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 23(2):98-111.

HAYDEN, B. 2009. Funerals as feasts: why are they so important? *Cambridge Archaeological Journal*, 19(1):29-52.

IRIARTE, J.; GILLAM, J. C.; MAROZZI, O. 2008. Monumental burials and memorial feasting: an example from the southern Brazilian highlands. *Antiquity*, 82(318):947-961.

IRIARTE, J.; MAROZZI, O.; GILLAM, J. C. 2010. Monumentos funerarios y festejos rituales: complejos de recintos y montículos Taquara/Itararé en ElDorado, Misiones (Argentina). *Arqueología Iberoamericana*, 6:25-38.

IRIARTE, J.; COPÉ, S. M.; FRADLEY, M.; LOCKHART, J.; GILLAM, C. 2013. Sacred landscapes of the southern Brazilian highlands: Understanding southern proto-Jê mound and enclosure complexes. *Journal of Anthropological Archaeology*, 32(1):74-96.

MABILDE, P. A. B. 1897. Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação 'Coroados' que habitam os sertões do Rio Grande do Sul. In *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul*, ano XIII, pp. 145-167.

MABILDE, P. A. B. 1899. Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação 'Coroados' que habitam os sertões do Rio Grande do Sul. In *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul*, ano XV, pp. 125-151.

MANISER, H. H. 1930. Les Kaingang de São Paulo. *Proceedings of the 23rd International Congress of Americanists*. Nova York, pp. 760-791.

MENGHIN, O. F. 1957. El poblamiento prehistórico de Misiones. *Anales de Arqueología y Etnología*, 12:19-40.

MÉTRAUX, A. 1946. The Caingang. In STEWARD, J. (Ed.), *Handbook of South American Indians*, Vol. 1: The Marginal Tribes. Washington D.C., Government Printing Office. pp. 445-475.

MÜLLER, L. M. 2008. Sobre índios e ossos: estudo de três sítios de estruturas anelares construídos para enterramento por populações que habitavam o vale do rio Pelotas no período pré-contato. *Dissertação de Mestrado*. Porto Alegre, PUCRS.

ODELL, G. H. 1994. The role of stone bladelets in Middle Woodland society. *American Antiquity*, 59(1):102-120.

O'SHEA, J. 1984. *Mortuary Variability: An Archaeological Investigation*. Orlando, Academic Press.

PAULA, J. M. 1924. Memória sobre os Botocudos do Paraná e Santa Catarina organizada pelo serviço de proteção aos silvícolas sob a inspeção do Dr. José Maria de Paula. In *Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. pp. 61-84.

PEEBLES, C. S.; KUS, S. 1977. Some archaeological correlates of ranked societies. *American Antiquity*, 42:421-448.

REIS, M. J. 1980. A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo, Universidade de São Paulo.

RIBEIRO, P. A. M. & RIBEIRO, C. T. 1985. Levantamentos arqueológicos no município de Esmeralda, RS, Brasil. *Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas*, Santa Cruz, 12(14):49-105.

RICE, P. M. 1987. *Pottery analysis: a sourcebook*. Chicago, University of Chicago Press.

ROHR, J. A. 1971. Os sítios arqueológicos do planalto catarinense, Brasil. *Pesquisas: Antropologia*, São Leopoldo, 24:1-56.

SHERWOOD, S. C. & KIDDER, T. R. 2011. The DaVincis of dirt: Geoarchaeological perspectives on Native American mound building in the Mississippi River basin. *Journal of Anthropological Archaeology*, 30:69-87.

SAKAGUCHI, T. 2007. Refuse patterning and behavioral analysis in a pinniped hunting camp in the Late Jomon Period: A case study in layer V at the Hamanaka 2 site, Rebun Island, Hokkaido, Japan. *Journal of Anthropological Archaeology*, 26:28-46.

SALDANHA, J. D. M. 2005. Paisagem, lugares e cultura material: uma arqueologia espacial nas terras altas do sul do Brasil. *Dissertação de Mestrado*. Porto Alegre, PUCRS.

SALDANHA, J. D. M. 2008. Paisagem e sepultamento nas Terras Altas do Sul do Brasil. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 21:85-95.

SCHIFFER, M. B. 1987. *Formation processes of the archaeological record*. Albuquerque, University of New Mexico Press.

SCHMITZ, P. I.; ARNT, F. V.; BEBER, M. V.; ROSA, A. O.;

FARIAS, D. S. 2010. Casas subterrâneas no planalto de Santa Catarina: São José do Cerrito. *Pesquisas: Antropologia*, São Leopoldo, 68:7-78.

SKIBO, J. M. 1992. Pottery function: a use-alteration perspective. Nova York, Plenum Press.

TAINTER, J. A. 1978. Mortuary Practices and the Study of Prehistoric Social Systems. In SCHIFFER, M. B. (Ed.), *Advances in Archaeological Method and Theory*, vol. 1. Nova York, Academic Press. pp. 105-141.

THOMPSON, V. D.; PLUCKHAHN, T. J. 2012. Monumentalization and ritual landscape at Fort Center in the Lake Okechobee basin of South Florida. *Journal of Anthropological Archaeology* 31(1):49-65.

TWISS, K. C. 2008. Transformations in an early agricultural society: Feasting in the Southern Levantine Pre-Pottery Neolithic. *Journal of Anthropological Archaeology*, 27:418-442.

VASCONCELLOS, D. R. 1912. Botocudos. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, 17:19-22.

VEGA-CENTENO, R. 2007. Construction, labor organization, and feasting during the Late Archaic Period in the Central Andes. *Journal of Anthropological Archaeology*, 26:150-171.

WALKER, W. H. 1995. Ceremonial trash? In SKIBO, J. M.; WALKER, W. H.; NIELSEN, A. E. (Eds.), *Expanding Archaeology*. Salt Lake City, University of Utah Press. pp. 67-79.